



**VIVER A CIDADE - O AMBIENTE URBANO • MOBILIDADE URBANA •
ACESSIBILIDADE • INFORMALIDADE • MANEIRAS DE MORAR •
PERTENCIMENTO • PARTICIPAÇÃO**

**DESAFIOS E PERSPECTIVAS ACERCA DA ESPACIALIDADE DAS
RUAS DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE**

**AQUINO, AÍDA P. P. DE (1); LUNA, FILIPE S. (2); GOMES, GABRIEL A. (3)
LIMA, GABRIEL H. S. DE (4); FERNANDES, HANNA T. R. (5); VENTURA, PABLO
H. D. (6)**

1. LabRua. Diretoria e pesquisa.

Rua Lino Gomes da Silva, 177 - São José, Campina Grande - PB
aida@labrua.org

2. LabRua. Pesquisa.

Rua Lino Gomes da Silva, 177 - São José, Campina Grande - PB
filipe@labrua.org

3. LabRua. Pesquisa.

Rua Lino Gomes da Silva, 177 - São José, Campina Grande - PB
gabriel@labrua.org

4. LabRua. Pesquisa.

Rua Lino Gomes da Silva, 177 - São José, Campina Grande - PB
higor@labrua.org

5. LabRua. Pesquisa.

Rua Lino Gomes da Silva, 177 - São José, Campina Grande - PB
hanna@labrua.org

6. LabRua. Pesquisa.

Rua Lino Gomes da Silva, 177 - São José, Campina Grande - PB
pablo@labrua.org

RESUMO

Considerada Patrimônio Cultural do Brasil desde 2017, a Feira Central de Campina Grande é um importante marco na história, cultura e economia da cidade. Apesar de sua importância, devido às mudanças culturais ocorridas nas últimas décadas, a feira tem perdido seu poder atrativo como

comércio para supermercados, em especial para o modelo de redes de atacado vindas do exterior, que além de não levar em conta as particularidades locais, promovem uma fuga de capital da economia da cidade. Para que a feira mantenha seu status exemplar vivo da história e cultura da cidade, é preciso pensar em como reviver a cultura local de participação do ambiente da feira. Ao mesmo tempo, poucas ações de melhorias, principalmente físicas, foram realizadas ao longo das últimas décadas, enfraquecendo a cultura e o hábito de comprar na Feira Central, especialmente entre os mais jovens, gerando uma invisibilização do espaço, que, ainda que central, tem perdido seu status de núcleo da economia local. Diante desta perspectiva surge a necessidade de compreender as particularidades espaciais da feira enquanto vasto ambiente histórico, labiríntico, e abrigo da cultura popular do Nordeste brasileiro. Este artigo tem o objetivo de fazer um diagnóstico das ruas do entorno do Mercado Central de Campina Grande, buscando entender suas dinâmicas através da análise de características físicas e o comportamento das pessoas. O levantamento, realizado *in loco* durante os meses de julho e agosto de 2019, coletou os seguintes dados: contagens de pessoas e outros meios de transporte em cinco pontos de acesso da Feira, distribuição dos estacionamentos nas ruas de acesso à Feira, configuração das ruas e catalogação das bancas e barracas distribuídas ao longo delas, também foi contabilizado através da contagem de pessoas, um volume de mais de 80 mil passantes ao longo dos cinco acessos estudados. Os principais resultados demonstram que se trata de um ambiente complexo, que deve ser entendido dentro do seu contexto histórico e social, em conjunto com seus desafios relativos à questão espacial. O levantamento realizado evidencia comportamentos típicos da Feira, contribuindo no entendimento das dinâmicas para que, assim, possam ser feitas melhorias considerando as particularidades, a tradição e aspectos físicos e imateriais da Feira Central de Campina Grande.

Palavras-chave: Feira Livre, Patrimônio Histórico e Cultural, Espaço público, Cultura popular.

Introdução

As feiras livres são espaços inegavelmente voltados a realização do comércio e de serviços, entretanto, sua composição ultrapassa as necessidades de sua vocação prática do comercializar, tornando-se um organismo dinâmico que proporciona a convergência cultural de povos e classes, sendo esta uma expressão do tempo e da sociedade em que a mesma se insere. Segundo Jesus e Damerçê (2016), diferente de outros centros comerciais, como shopping centers e supermercados, em que a relação cliente e vendedor é puramente mercantil, nas feiras livres acontecem um estreitamento dessa relação e os diversos personagens interagem de forma mais aproximada, compartilhando as percepções, os saberes e construindo relações de amizade.

No cotidiano do homem e das cidades, as feiras sempre estiveram presentes como espaço de trocas e vendas de produtos. Em Campina Grande não aconteceu diferente, historicamente, de acordo com Peregrino e Batista (2017), a cidade surgiu como local de parada para os tropeiros que faziam o percurso do litoral ao sertão do estado e utilizavam a área como entreposto, servindo como base de descanso e espaço para realização de trocas de gado e dos diversos produtos que eram produzidos. Desta forma, o surgimento da Feira Central está atrelado diretamente com o surgimento da própria cidade, influenciando de modo direto o seu desenvolvimento, relacionado desde as primeiras ocupações com as atividades comerciais e de serviço. Nesse sentido, percebe-se a importância da Feira Central e das atividades ali desenvolvidas para a cidade de Campina Grande.

Em Setembro de 2017, a Feira Central de Campina Grande foi reconhecida com o título de Patrimônio Cultural do Brasil, através do processo colaborativo do bem imaterial ao qual marcam as expressões construídas em conjunto com aqueles que produzem o dia a dia da Feira. Fomentou as ações de apoio, através da política de salvaguarda, em que emblema as misturas e trocas significativas que tomam o lugar no qual tem a concentração e reprodução de práticas culturais.

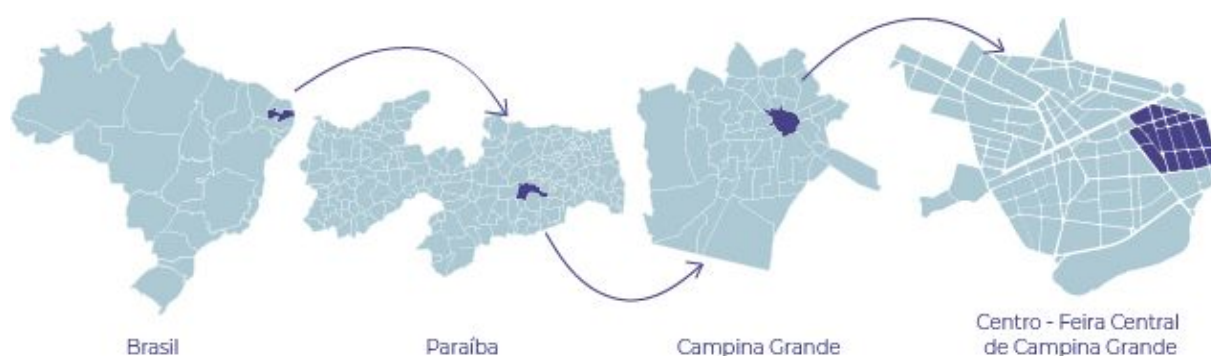
Compreendendo a importância deste espaço na construção da cidade e de sua identidade cultural, este estudo procura compreender as dinâmicas que compõem a Feira Central de Campina Grande. Nesse sentido, foram realizadas pesquisas bibliográficas e levantamentos *in loco*, sendo estes: levantamento dos estacionamentos preexistentes na área e entorno, além da contagem do número de vagas; e, levantamento das características

das barracas e contagem de modais. A investigação teve como objetivo fazer um diagnóstico das ruas do entorno do Mercado Central de Campina Grande, buscando entender suas dinâmicas através da análise de características físicas e do comportamento das pessoas.

Fundamentação Teórica

A Feira Central localiza-se atualmente no centro da cidade de Campina Grande, Paraíba (Figura 01), cidade a 133,3 Km da Capital João Pessoa. Ocupando uma área de 75.000 m² incluindo o mercado central e as ruas no seu entorno que acontecem a Feira Livre. Contudo, durante sua história, a mesma aconteceu em diversos locais da cidade, tendo sido historicamente transferida de local por diversas vezes.

Figura 01: Inserção da área de estudo.



Fonte: Laboratório de Rua, 2019.

A história da Feira Central de Campina Grande está intimamente ligada com a própria fundação da cidade, que nasce da sua condição de entreposto dos tropeiros e viajantes que se deslocavam entre o Sertão e o litoral, bem como da região do rio São Francisco ao sul. Logo que se estabeleceu, no final do século XVII, na margem esquerda do Riacho das Piabas, se firmou não apenas como ponto de repouso mas também de comércio ativo, principalmente de farinha de mandioca e de gado (COSTA, 2003).

Com o crescimento da cidade e sua conseqüente reorganização espacial, em 1826 houve a transferência da feira para o Largo da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, junto ao mercado de cereais de Baltazar Luna, onde permaneceu até 1864, quando num novo momento de expansão geográfica o mercado se firmou na Rua do Seridó, atual Rua Maciel Pinheiro, revezando-se ao longo dos anos entre o Mercado Velho de Baltazar e o Mercado

Novo de Alexandrino Cavalcante de Albuquerque, conforme as sortes da política local. Logo, a administração municipal tinha o poder de determinação espacial da feira, evidenciando a estreita relação entre o poderio econômico e político (CÂMARA, 1999 *apud* COSTA, 2003).

Com a série de reformas sanitárias promovidas pela administração municipal ao longo da década de 30, a Feira, junto com o matadouro, o meretrício e o cemitério foram retirados do centro por serem consideradas incompatíveis com a vida urbana, sendo a Feira realocada para uma área próxima ao riacho das Piabas que antes ocupava. Com isso, em agosto de 1941, o mercado passa a ocupar de forma definitiva a área que se dispõe até os dias de hoje (CÂMARA, 1999 *apud* COSTA, 2003).

A Feira Central de Campina Grande recebeu do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em setembro de 2017 o título de Patrimônio Cultural do Brasil, reconhecendo-a como centro de expressões e tradições históricas do Nordeste brasileiro, ainda que tenha sofrido com o enfraquecimento da participação popular no seu espaço devido às mudanças nos padrões de consumo das últimas décadas, com o fortalecimento das grandes cadeias de supermercados tanto de atacado quanto de varejo. Contudo, a Feira ainda resiste enquanto ponto de compra e venda, principalmente entre os consumidores de baixa renda e os trabalhadores autônomos.

As mudanças que ocorreram com a chegada dos supermercados ocasionaram concorrência no consumo, a praticidade de poder encontrar todas as mercadorias separadas em prateleiras são atrativas para as classes médias que vieram abandonar a feira livre. Apesar desse automatismo e impessoalidade que ocorrem com o surgimento dos supermercados, a feira preserva a função de sociabilidade e o hábito de trocas culturais em seu ambiente (COSTA, 2003).

A Feira é a cristalização do passado, em que obtém a sobreposição de elementos antigos e absorve modernizações do presente. Com a absorção da modernização, as adaptações foram acontecendo nas estruturas preexistentes, tendo suas moldagens produzidas para atender as necessidades dos feirantes, dando lugar às novas configurações do espaço, o que torna capaz a convivência entre o velho e o novo.

Apesar de estar marcada pela história e tradição, a Feira Central não se trata de um lugar estático e apresenta constantes mutações e adaptações surgidos ao longo de sua trajetória. Mantém-se, contudo, o aspecto labiríntico, a prevalência do caminhar enquanto modalidade predominante de deslocamento e a imersão nas cores, cheiros e estímulos da Feira, portanto sendo um espaço construído pelas pessoas para as pessoas.

Para Speck (2016), as cidades devem apresentar espaços pensados para pessoas e produzidos para o funcionamento e facilidades dos indivíduos se deslocarem pela esfera urbana. Caminhar sempre foi a forma universal de deslocamento das pessoas. Vasconcellos (2017, p.46) comenta que “a maior parcela das cidades brasileiras têm calçadas inadequadas e inseguras para os pedestres”. Essa afirmação reflete nas nossas calçadas que são tomadas de obstáculos e desníveis de todo tipo.

Entendendo o caminhar como um importante modal na estrutura de mobilidade das cidades, é necessário que exista a devida estrutura para que a atividade possa ser realizada. Segundo Aquino et al (2018) a cidade é o cenário onde as relações humanas e as trocas de experiências acontecem, sendo necessário planejar espaços públicos providos de boa estrutura. Gehl (2013, p.19) ainda soma, quando comenta que “caminhar é a forma especial de comunhão entre pessoas que compartilham o espaço público como uma plataforma e estrutura”. Não diferente da produção de nossas cidades, a Feira Central de Campina Grande é um espaço produzido para as pessoas se deslocarem a pé, já que é um local de venda, compras e trocas, a necessidade de se ter o espaço do passeio é essencial. Com isso, fez-se necessário o levantamento da condição, em questões de dimensões, do passeio existente no local, podendo ser visto adiante nos resultados.

Metodologia

A pesquisa dispõe de caráter teórico, com abordagem quanti-qualitativa e de objeto exploratório. Teve a finalidade de obter informações a respeito do objeto de estudo, a fim de compreender melhor a natureza do espaço exposto. Quanto a sua abordagem quanti-qualitativa, procurou em seu aspecto quantitativo, levantar dados em relação à proporção da esfera urbana, sendo assim, possível identificar suas dinâmicas através da leitura do lugar. Com relação ao aspecto qualitativo, buscou a interpretação e entendimento das características do espaço estudado.

O levantamento para o estudo se deu em três etapas, todas *in loco*. Primeiro foi analisado, através de observação e contagem manual, a funcionalidade dos estacionamentos intra e extra-lote. Com esse levantamento foi possível entender o quanto o espaço nas ruas do entorno da Feira é destinado para o uso de estacionamento e por qual motivo está sendo usado. No caso, identificamos o porte dos veículos que foram classificados em grande, médio e pequeno porte.

A Feira apresenta uma configuração de barracas que vem sendo utilizadas há anos, são poucas as adaptações realizadas em seu modo de concepção e isso mostra como esses métodos construtivos continuam sendo extremamente funcionais para os feirantes. Com isso, foi feito o levantamento a fim de compreender os diferentes tipos de barracas, como se configuram, quais materiais elas são construídas, como são montadas e desmontadas, e como os produtos são expostos. Em seguida foram feitos cortes esquemáticos de três ruas que estão inseridas na área em estudo. A escolha dessas ruas se deu por elas apresentarem um grande fluxo pedonal, sendo assim, o levantamento realizado possibilitou compreender como as ruas são distribuídas e se a caminhada está adequada.

Por fim, foi realizada uma contagem de modais que buscou identificar os acessos mais utilizados da Feira, para tanto, foi apontado 5 trechos de contagem, identificados como pontos de acesso. Essa contagem se deu a partir das 03h da manhã e seguiu até às 15h da tarde, trocando de ficha a cada 15 minutos. Tem a finalidade de distinguir os volumes de deslocamentos dos diferentes tipos de modais. O horário escolhido para a contagem foi adotado através da observação do horário que a Feira começa a ser montada até a baixa do fluxo de consumidores.

Importante destacar que os locais escolhidos para a realização das contagens se tratam de "entradas" da Feira, sendo exclusivas para pedestres. Desta forma, apenas o modal a pé foi considerado. Para cada entrada, a contagem foi feita de forma direcional, contabilizando as pessoas que entravam e saíam diferentemente.

O número elevado de carroças, em comparação com reboques e carros de vendas, pode ser associado à configuração das ruas e becos, que torna a utilização destas necessária para o transporte das mercadorias, bem como o fato de que essa prática se tornou um serviço dentro da Feira, no qual alguns trabalhadores transportam mercadorias para outros feirantes e clientes. Os reboques, em geral, são de comércios, lojas e transportadoras, que realizam o transporte de mercadorias próprias e de clientes. Isso contribuindo com a contagem, em que percebe-se em comparação com os demais tipos de pedestres.

Resultados

Distribuição dos estacionamentos

Para a realização da análise dos estacionamentos da Feira Central, foram selecionados ao longo das vias adjacentes, cinco trechos que possuem estacionamentos

públicos, bem como os estacionamentos intralotes (figura 02). Os estacionamentos foram contabilizados de acordo com o tipo de veículo ocupando a vaga, nesse sentido, foram identificadas oito tipologias, sendo estas: carros de passeio, motocicletas, veículos utilitários, transportes alternativos, ônibus, táxis, caminhões e trailers.

O estudo constatou que os estacionamentos públicos são predominantemente ocupados por veículos de passeio e se localizam majoritariamente nas imediações das entradas da feira, o que está diretamente ligado à busca dos usuários por comodismo no transporte das mercadorias adquiridas ou para utilizar os serviços que são prestados na Feira com uma maior facilidade. Percebeu-se ainda uma presença elevada de motocicletas, principalmente nas Ruas Peregrino de Carvalho, Cristóvão Colombo, e Deputado José Tavares, ruas na área norte da Feira, em que o tráfego de carros acontece de forma reduzida, devido a presença de barradas e mercadorias nas ruas.

Percebe-se ainda que a Feira possui pontos de entrada e saída de produtos bem definidos. Na face sudoeste, a R. Dr. Carlos Agra recebe um elevado número de veículos utilitários, caminhões e alternativos. Contudo, o principal acesso de produtos acontece na face norte/nordeste da Feira, pelas ruas R. Cristovão Colombo, R. Pedro Álvares Cabral, R. Marcílio Dias e R. Deputado Dep. José Tavares. Essa característica pode ser associada a conexão direta que essas ruas fazem com a Av. Floriano Peixoto, uma das principais da cidade, e a PB 104, que corta a cidade e a conecta com os municípios do entorno.

Os estacionamentos intralotes seguem lógica semelhante, sendo utilizados majoritariamente por veículos de passeio e motocicletas. Os mesmos localizam-se principalmente nas ruas adjacentes, próximo as principais entradas da Feira Central, contudo, estão relativamente afastados do mercado, fato que pode ser associado às limitações de tráfego que ocorrem devido à presença das barras, materiais e pedestres nas ruas, sendo única exceção o estacionamento de motocicletas que existe dentro do mercado e que recebe elevado número de veículos. Destaca-se das demais ruas, a R. Vila Nova da Rainha, que possui quatro estacionamentos, sendo a rua com o maior número de vagas intralotes.

Figura 02: Distribuição de estacionamento em via pública e intra-lote.



Fonte: Laboratório de Rua, 2019.

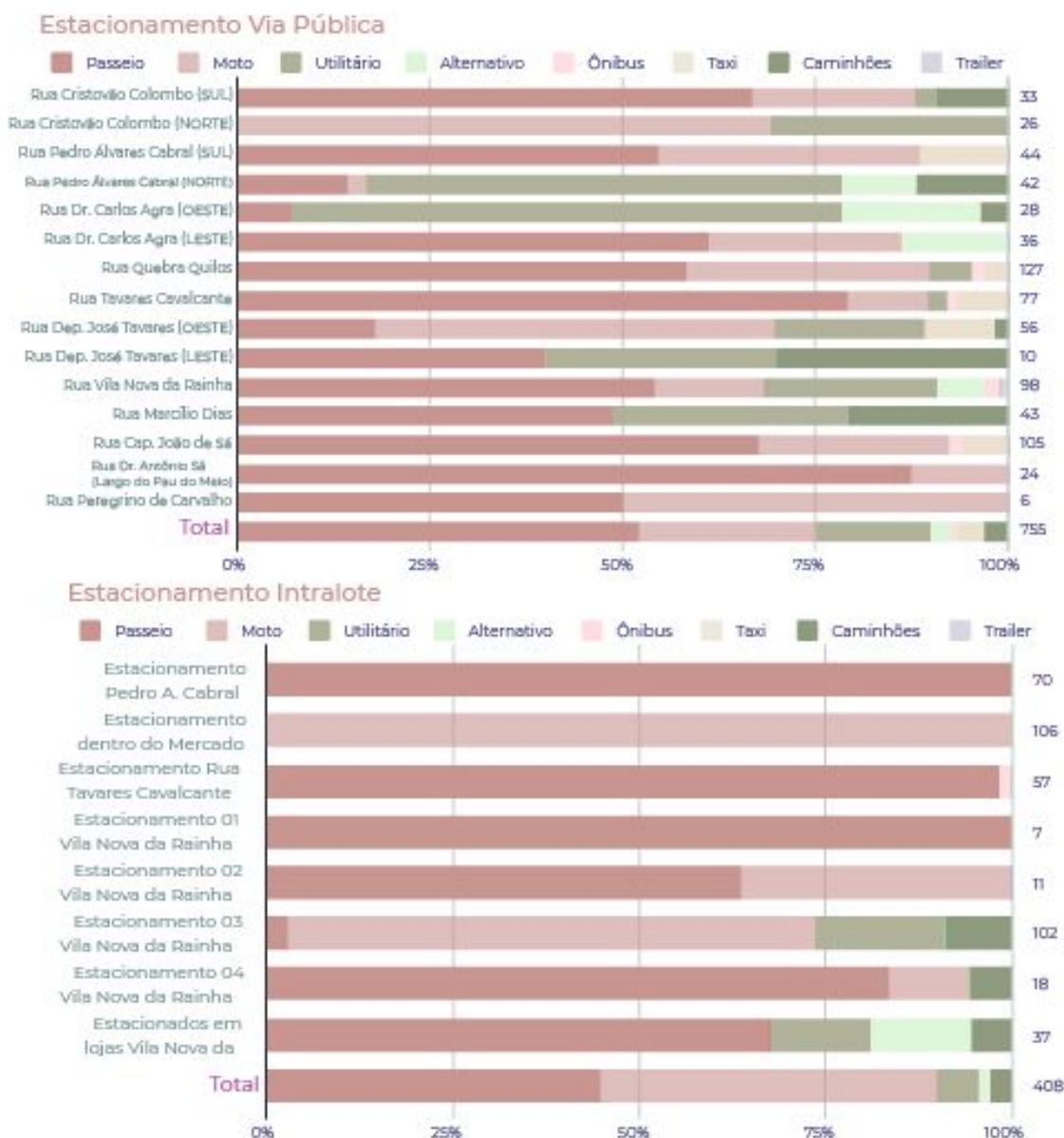
Contagem de Transportes

Em paralelo com o levantamento e análise da distribuição de estacionamento, foi realizado a contagem de transporte, com isso, foi possível observar que existe uma presença de veículos de passeio que em sua maioria é o meio de transporte para acesso à Feira (quando analisado o acesso por meio de veículos). Assim como a presença do veículo de passeio, também foi observado a existência de caminhões estacionados em via pública, denotam onde supostamente são locais de carga e descarga de mercadorias, tendo maior presença nas ruas: Cristóvão Colombo, Pedro Álvares Cabral, Dr. Carlos Agras, Dep. José Tavares, Marcílio Dias e Vila Nova da Rainha.

Assim como os estacionamentos em via pública, também foi observado aqueles localizados intra-lote, onde foi visto que a predominância é de estacionamento para motos, sendo um deles localizados ao norte da rua Cristóvão Colombo; outro dentro do Mercado Central, mostrando uma quantidade expressiva de motos estacionadas e outro na Vila Nova

da Rainha. Em termos de quantidade percebeu-se que os estacionamentos intra-lote aportam quase metade apenas para veículos ciclomotores, enquanto para estacionamento em via pública, mais de 50% do quantitativo de veículos são carros de passeio. Na figura 03 é possível observar a variação de veículos estacionados em via pública e intra-lote. Pode-se observar ainda, que a predominância é do veículo de passeio, seguido de moto, utilitários, ônibus, caminhões, alternativos e táxis.

Figura 03: Quantitativo do tipo de veículo estacionado.



Fonte: Laboratório de Rua, 2019.

Configuração da Rua

Observando as relações dos usuários com as ruas do entorno do mercado central, compreendemos três tipos de ruas diferentes: a pedestrializada, apenas para pedestres; a compartilhada, onde os transportes compartilham o espaço com os pedestres; e a rua convencional, caracterizada por faixas de rolamento e calçadas distintas. Nos dias de maior fluxo na Feira (quarta, sexta e sábado) as Ruas Manoel Pereira de Araújo, Rua Marcílio Dias, Rua Dep. José Tavares, Rua Dr. Carlos Agra, Rua Manoel Pereira de Araújo, Rua Pedro Álvares Cabral, Rua Cristóvão Colombo e a Rua Dr. Antônio de Sá deixam de ser compartilhadas e se transformam em ruas exclusiva para pedestres.

A mudança no comportamento das ruas nos diferentes dias da semana ocorre pelo fato dos feirantes utilizarem a rua como espaço de comercialização de seus produtos, então, para maior comodidade, a passagem de veículos motorizados é vetada, enquanto ao norte da Rua Cristóvão Colombo e a oeste da Rua Dr. Carlos Agra se transformam em vias compartilhadas, já que de alguma forma, a passagem de veículos motorizados é necessária para que os mesmos tenham acesso aos estacionamentos ou aos armazéns para abastecê-los.

Figura 04: Configuração das ruas da Feira Central.



Fonte: Laboratório de Rua, 2019.

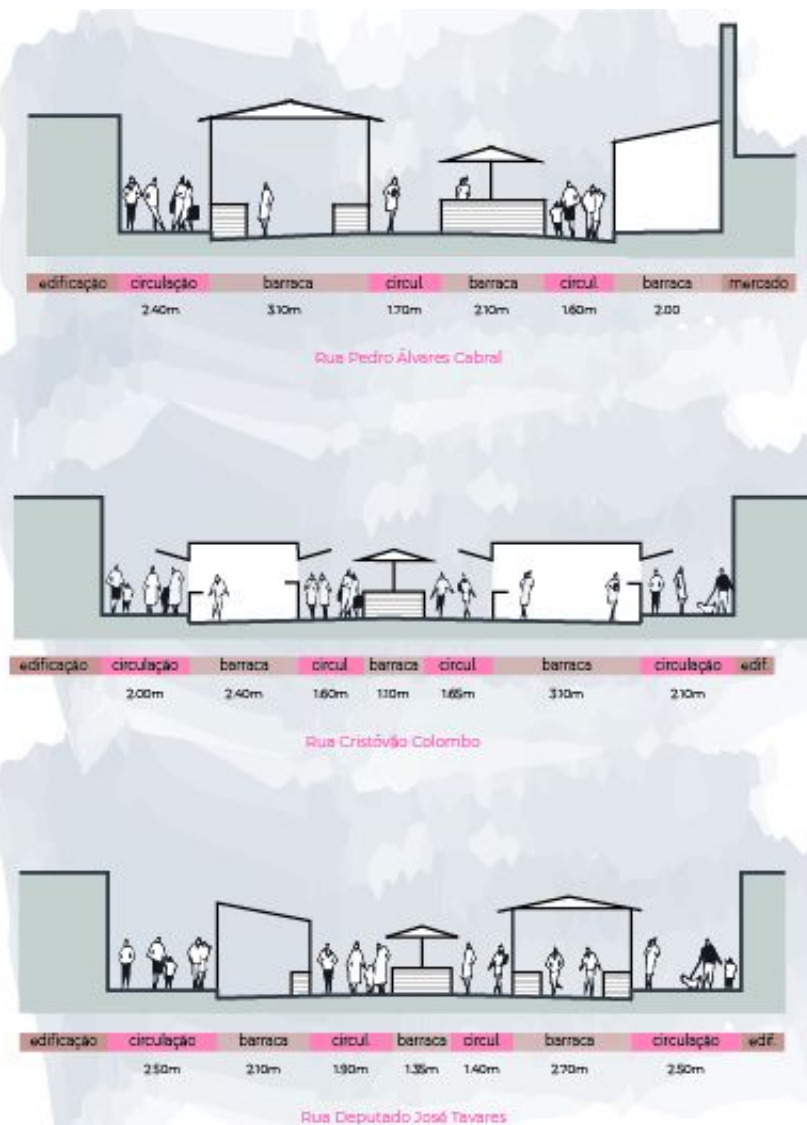
Perfil das ruas

Além das características de uso da via, foram analisados perfis de algumas ruas de forma a entender como se dá a distribuição dos espaços ao longo delas. Foram feitos, assim, três cortes de vias inseridas na Feira Central de Campina Grande. São vias que possuem grande fluxo e se configuram como entrada/saída da Feira. As ruas escolhidas foram: Rua Deputado José Tavares, Rua Pedro Álvares Cabral e Rua Cristóvão Colombo. Por conta da localização das barracas e o fluxo intenso de pessoas, a caminhada se torna problemática.

A ocupação das ruas são, em geral, determinadas pela existência ou não de barracas e como se dá a configuração delas. É marcante que, apesar de serem ruas pedestrianizadas, a distribuição das barracas fragmenta o espaço da via, criando diferentes circulações, em geral estreitas para o volume de pedestres, dificultando o caminhar das pessoas. Na análise realizada, foram identificados seis tipos diferentes de barracas, onde cada rua analisada apresenta uma preponderância de alguns tipos.

É possível observar na figura 05 que a Rua Pedro Álvares Cabral existem apenas dois tipos de barracas na rua, fazendo com que se tenha três circulações. No entanto, existem barracas fixas geminadas ao mercado central. As barracas na rua se configuram com atendimento em todas as faces, o que torna acessível a prática de exposição de mercadoria e da venda dos produtos. Na Rua Deputado José Tavares as barracas se posicionam em três pontos da via, criando quatro espaços de circulação, assim como a Rua Cristóvão Colombo. As circulações nas extremidades aparecem com menos obstruções, por terem menos barracas voltadas para essas faces, no entanto, as barracas centrais acabam por tornar a caminhada mais complicada. Já na Rua Cristóvão Colombo as barracas se configuram com abertura para duas laterais de circulação. Possui dois corredores centrais de circulação. As barracas e circulações possuem dimensões superiores em relação às ruas analisadas anteriormente.

Figura 05: Situação das dimensões das calçadas.



Fonte: Laboratório de Rua, 2019.

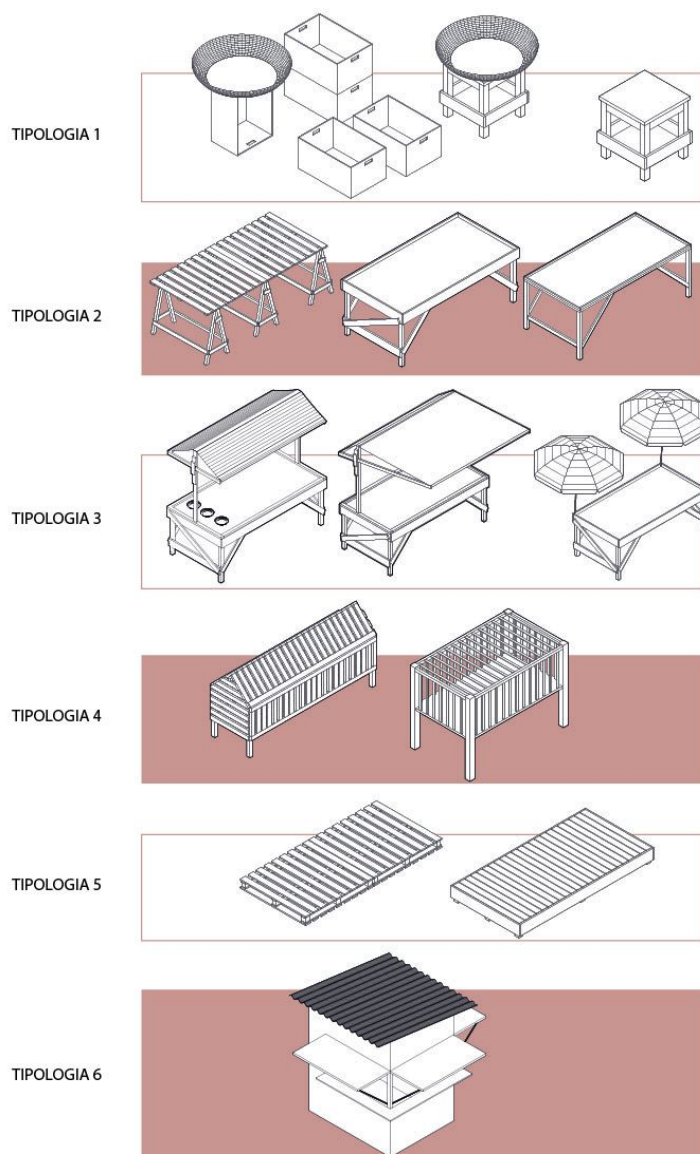
Catálogo das barracas da Feira Central de Campina Grande

Para além das análises descritas anteriormente, foram levantadas algumas soluções empregadas nas barracas da Feira Central. É possível observar que existem diversas soluções de barracas para os diferentes tipos de produtos oferecidos (Figura 06), sendo algumas delas fixas e outras desmontáveis, que são recolhidas ao final do dia, pois alguns dos feirantes expõem seus produtos em outras feiras da região. Se observarmos fotografias de décadas atrás da Feira de Campina Grande, podemos perceber que as estruturas das barracas são semelhantes às que encontramos hoje na Feira Central, com poucas

adaptações ao longo dos anos, demonstrando serem funcionais da forma como são construídas.

Os materiais que são utilizados, de modo geral, são: madeira, lona, corda, cercados de arame, telha de fibrocimento ou coberta metálica, vedações metálicas (chapas de zinco) etc., dependendo da tipologia do comércio e da necessidade de mobilidade do feirante. Tais materiais são facilmente encontrados e com um custo adequado para o padrão dos feirantes. Para facilitar a análise das barracas, dividiu-se em seis tipologias, observadas com maior frequência no local, de acordo com a imagem a seguir:

Figura 06: Catálogo das barracas existente.



Fonte: Laboratório de Rua, 2019.

Tipologia 1 - banquetas e caixotes: Podem ser de material plástico ou também de madeira. Acima deles são colocados balaios ou bandejas de plástico, para expor frutas e verduras. É uma maneira improvisada de exibir os produtos, comumente usado por feirantes nomádicos, pela facilidade de recolher o material, podendo ter alturas e tamanhos diferentes, a exemplo de volumes em cascata, valorizando a visualização do produto. Também são utilizados como extensão das barracas para a calçada, no intuito de destacar os produtos vendidos.

Tipologia 2 - bancas sem coberta: Construídas de tábuas e ripas de madeiras ou material metálico. A base, de modo geral, é do mesmo material do tampo da bancada, em alguns casos são usados cavaletes para a sustentação do tampo. Podem ser vistas de forma individual na rua ou utilizadas como uma extensão da barraca para a calçada. No primeiro caso, é comum que algumas sejam vistas abaixo de uma área coberta com lonas improvisadas, estiradas e amarradas em estruturas de coberta de outras barracas, ou construções vizinhas. O uso mais comum para essa tipologia é a venda de frutas e verduras.

Tipologia 3 - bancas com coberta: Essas bancadas são exatamente as mesmas citadas anteriormente (tipologia 2), a diferença, porém, está na coberta. A lona é utilizada com amarrações especiais, fixadas na própria barraca, com encaixes de madeiras para a sustentação da coberta, que protegem a mercadoria, o feirante e, por vezes, se estendendo até ao cliente. Quando não se utiliza lona, é encaixado o guarda sol, que também é amarrado na bancada. Essas coberturas, são retiradas e guardadas ao final do expediente.

Tipologia 4 - gaiolas: São feitas com ripas de madeira em formato de trapezoidal ou de material metálico. Em geral são extensões de barracas cobertas, utilizados para expor a venda de aves, como galinhas, perus, etc.

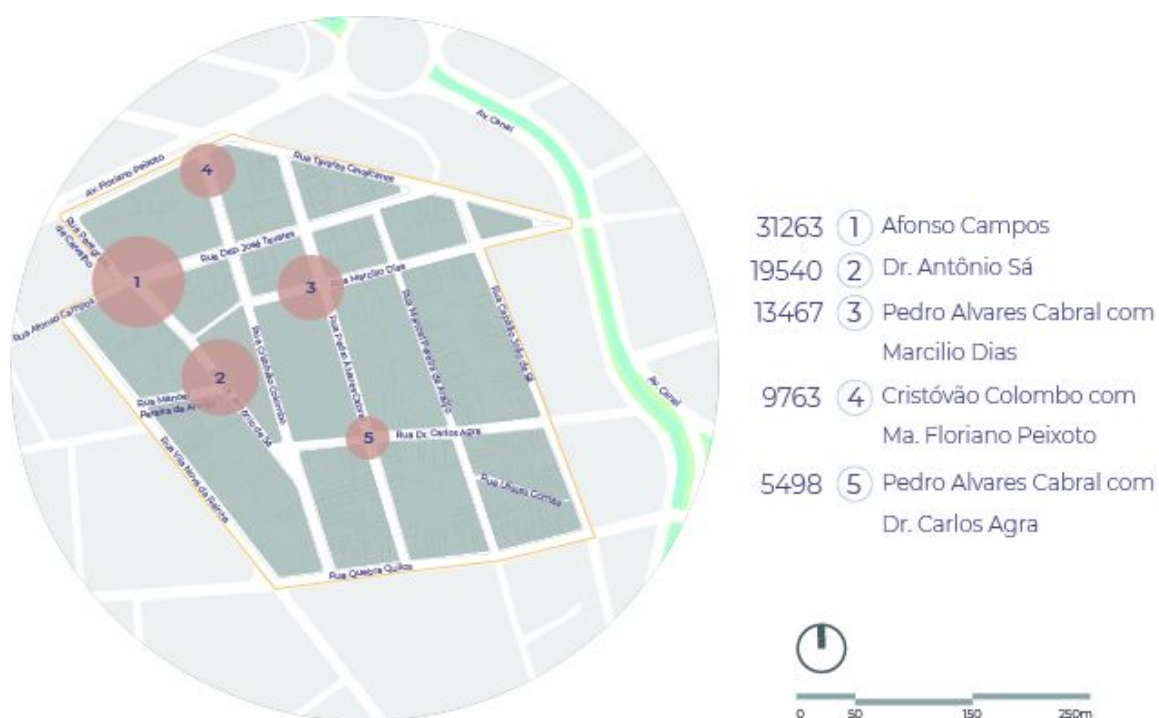
Tipologia 5 - *pallets*: Feitos em madeira, podem vir com acabamento lateral ou não, e servem para expor diversos tipos de produtos, que variam entre grãos, frutas, verduras, etc. De fácil manuseio para armazenamento em depósitos no fim da feira. Apesar de aparecer sozinho muitas vezes, pode ser combinado com soluções simples de cobertura: lonas ou guarda sol para proteger o produto das intempéries.

Tipologia 6 - quiosques: São as estruturas mais elaboradas da Feira e uma das mais custosas, ainda assim, dentro do padrão de orçamento de alguns feirantes. São feitas de material metálico, como chapas de zinco. Normalmente o feirante está dentro da barraca e ela possui aberturas em uma ou mais laterais, em formato de janelas, onde os clientes são atendidos. Essas janelas são fechadas no fim do expediente e a mercadoria de venda e materiais de trabalho ficam dentro. Existe uma variedade grande de produtos que são vendidos nessa tipologia, como frutas, verduras, variedades, refeições, etc.

Contagem de Pessoas

Realizadas em cinco pontos distintos da Feira, a contagem contabilizou 78.533 pedestres somados todos os pontos, dos quais observou-se que 93,8% (73.625) são transeuntes habituais, sendo estes os pedestres que não utilizam carroças, reboques ou carros de vendas. A respeito destes, constatou-se que 5,8% (4.584) transitavam com carroças; com reboques 0,3% (209) e com carros de vendas 0,1% (115).

Figura 07: Localização dos trechos de contagem de modais e resultado total.



Fonte: Laboratório de Rua, 2019.

Apesar de alguns empecilhos em um dos dias da contagem, como o tempo chuvoso, a falta de acessibilidade nas ruas e calçadas e falhas na sinalização, a população se apropria dos espaços públicos ao acessar a Feira, em sua maioria, a pé. Isso se deve a alguns aspectos sócio-culturais peculiares, como: as configurações de feira de rua, as relações interpessoais, as diversas sensações que estimulam os sentidos dos usuários, entre outros.

A figura 8 apresenta os resultados das contagens nas ruas da Feira Central, apontando dados em intervalos de meia hora. Pode-se perceber que a Rua Afonso Campos

possui o fluxo mais intenso de pessoas durante o dia, sendo superior a todos os outros pontos a partir das 6:30 da manhã. É perceptível, também, que a partir das 13:00 da tarde, o fluxo deixa de oscilar e apenas diminui. A Rua Pedro Álvares Cabral e Cristóvão Colombo se configuram como as de menores fluxos entre as ruas analisadas. Ambas não ultrapassam o volume de 500 pessoas em nenhum intervalo de análise.

Figura 08: Contagem de pedestres em cinco trechos e resultado total.



Fonte: Laboratório de Rua, 2019.

Considerações Finais

A Feira Central de Campina Grande, por sua complexidade, se torna um objeto inesgotável de estudo, suas características e dinâmicas foram alvo desta pesquisa. Posto isso, foi possível analisar como aspectos físicos do local contribuem para que a Feira seja entendida como manifestação da história e da cultura popular da cidade/nordeste, e a importância da contextualização histórico-espacial para a proposição de melhorias que levem em conta as particularidades locais e as tradições populares.

Sugestões e projetos para a Feira Central geralmente partem da perspectiva sanitária de "modernização" do espaço e das barracas na tentativa de implementação de novas soluções e sistemas desconsiderando as tradições, as dinâmicas e as tipologias

desenvolvidas historicamente pelos próprios feirantes ao longo de décadas, tornando-se parte integrante da expressão popular transmitidas entre gerações de feirantes e que são eficazes dentro do seu contexto, adaptando-se aos diferentes usos, produtos comercializados e espaços dentro da Feira.

A configuração existente das barracas influencia no deslocamento das pessoas, o modo que estão dispostas ao longo das ruas implica uma distribuição dos espaços de circulação de forma arbitrária, este fator traz consequências na acessibilidade das pessoas, surgindo congestionamento e aglomeração de indivíduos em suas ruas. Ainda assim, a Feira vem sendo construída de forma espontânea, não existe uma delimitação oficial para instalação e delimitação das barracas, controle dos acessos de veículos, conforme os feirantes vão ocupando os espaços com seus produtos e barracas, expandindo-se para as ruas, os carros perdem espaço para o comércio e o desenvolvimento econômico local. A feira é um grande exemplo de que vias destinadas para pessoas fomentam a economia local, pois mantém a troca de experiências entre o consumidor e o feirante, através da sociabilidade e as transferências culturais.

Por meio do diagnóstico realizado pode-se entender melhor a complexa dinâmica da Feira Central e Campina Grande. A contagem de modais revelou que existe um pico de pessoas entrando e saindo da Feira entre as 9h30 e 10h. Pode-se ver também que ao longo do dia tem-se um grande fluxo de pedestres em alguns pontos de contagem, principalmente na Rua Afonso Campos, em que é considerada a “entrada” principal da Feira. Vê-se também que há uma diferença considerável entre o fluxo de pessoas em diferentes pontos analisados.

Considerando que mais de 78 mil pessoas transitam pelo espaço da Feira aos sábados, dia de maior movimentação, foi observado que o usuário médio não se desloca de automóvel e não usa o espaço destinado para estacionamento, isso se dá pela sua configuração que torna inacessível para comportar áreas para veículos motorizados individuais. Ainda assim, existe uma demanda de estacionamentos em seu entorno, visto que os espaços destinados ao estacionamento são preenchidos ao longo do dia. Contudo, pode-se considerar que esses espaços não estão sendo utilizados por compradores de pequenos gêneros para consumo próprio e sim por clientes de armazéns vindos de diversas regiões da Paraíba que compram em grande quantidade para abastecer seus estabelecimentos e portanto utilizam a área para carga e descarga.

Considerada local de concentração das relações sociais e culturais que influenciam na convivência das pessoas que utilizam seus espaços. “As feiras continuam a ser lugares de múltiplas territorialidades, sejam econômicas, políticas ou culturais, tecidas em mudanças que se misturam, se dissolvem e se transformam no dia a dia” afirma Araújo (2011, p. 599). Isto posto, espera-se que a pesquisa aqui apresentada contribua para o entendimento da sua configuração espacial e, com isso, auxiliar na propositura de soluções que respeitem as tradições populares e o status de patrimônio cultural brasileiro da Feira Central de Campina Grande - PB, assim, provocando estudos futuros que possam vir a complementar este diagnóstico.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Giovanna de A. F. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. Tese de Doutorado em História Contemporânea (Universidade do Minho - UMINHO) e História Social (Universidade Federal da Bahia - UFBA), Braga, Portugal, 2011.

AQUINO, Aída Paula Pontes de et al. **Índice de Caminhabilidade: Caracterização e Análise no Centro de Esperança-PB**. Tema, Campina Grande, v. 19, p.19-35, 23 ago. 2019. Contínua. Disponível em: <<http://revistatema.facisa.edu.br/index.php/revistatema/article/view/1011/pdf>>. Acesso em: 03 set. 2019.

COSTA, Antônio Albuquerque da. **SUCESSÕES E COEXISTÊNCIAS DO ESPAÇO CAMPINENSE NA SUA INSERÇÃO AO MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL: A FEIRA DE CAMPINA GRANDE NA INTERFACE DESSE PROCESSO**. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, p. 96. 2003.

FREITAS, MCS., FONTES, GAV.,and OLIVEIRA, N., orgs. **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura** [online]. Salvador:EDUFBA,2008.422p. ISBN 978-85-232-0543-0.Available from SciELO Book <<http://books.scielo.org>>

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Perspectiva S.a., 2015.

JESUS, Danuzia Xavier de; DAMERCÊ, Naiane Oliveira. **Feira e Lugar: Um Olhar Humanista Sobre a Feira-Livre de Jacobina-BA**. 2016. 66 f. TCC (Graduação) -

Curso de Licenciatura em Geografia, Departamento de Ciências Humanas - Campus Iv - Colegiado de Geografia, Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2016. Cap. 1.

SILVA, Paulo Roberto de Oliveira. **Caminhabilidade em Mangabeira: Metodologia e Análise da Caminhabilidade em uma nova Centralidade Urbana**. 2017. 110 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Unipê, João Pessoa, 2017.

PEREGRINO, LUCAS N.; BATISTA, MÉRCIA R. R.. **A Feira Central de Campina Grande (PB) e o Campo do Patrimônio: Disputas Por Espaço e Legitimidade**. In: Anais do Simpósio Científico 2017 - ICOMOS BRASIL. Anais...Belo Horizonte(MG) Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2018. Disponível em: <[https://www.even3.com.br/anais/eventosicomos/60065-A-FEIRA-CENTRAL-DE-CAMPINA-GRANDE-\(PB\)-E-O-CAMPO-DO-PATRIMÔNIO--DISPUTAS-POR-ESPAÇO-E-LEGITIMIDADE](https://www.even3.com.br/anais/eventosicomos/60065-A-FEIRA-CENTRAL-DE-CAMPINA-GRANDE-(PB)-E-O-CAMPO-DO-PATRIMÔNIO--DISPUTAS-POR-ESPAÇO-E-LEGITIMIDADE)>. Acesso em: 22/10/2019.

SPECK, Jeff. **Cidade caminhável**. São Paulo: Perspectiva S.a., 2016.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara de. **Andar nas Cidades do Brasil. Cidades de Pedestres**. Rio de Janeiro: Babilônia, 2017. p. 42-53.